

Práticas de leitura e escrita de crianças residentes no campo: considerações acerca do contexto familiar e escolar

Leticia de Aguiar Bueno

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
lelesvp@hotmail.com

Gabriela Medeiros Nogueira

Universidade Federal do Rio Grande FURG
gabynogueira@me.com

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar dados parciais de uma pesquisa que iniciou em 2013, sobre práticas de leitura e escrita de crianças entre 6 e 7 anos residentes no campo, considerando os contextos escolar e familiar. Como referencial teórico, trabalhamos com o conceito de letramento a partir da perspectiva de Street (2010), Soares (2012) e Kleiman (2008), os quais consideram que o contexto social e cultural estão estreitamente relacionados com o significado que as pessoas atribuem as práticas de leitura e escrita.

Desse modo, apresentamos inicialmente algumas discussões que vem sendo realizadas acerca da educação e também sobre leitura e escrita no contexto do

letramento. Na sequência tratamos dos dados relacionados à organização e à configuração da escola investigada bem como aspectos voltados para cultura da comunidade e da instituição.

A leitura e a escrita no contexto do campo: problematizações iniciais

A educação do campo envolve uma multiplicidade de identidades, culturas e crenças, uma vez que seu significado está ligado à terra, ao trabalho, às relações instituídas entre si, às dinâmicas estabelecidas com a cultura letrada. De acordo com o material divulgado pelo Ministério da Educação – MEC “O campo, [...] mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana” (BRASIL, 2001, p.1).

Considerando esse princípio, é possível perceber a relação que existe entre a comunidade e a instituição educacional. Desse modo, entendemos que se faz necessário buscar a articulação entre os saberes escolares e os saberes extraescolares, de forma a fortalecer as identidades das culturas populares do campo, em que a escola e a família possam dialogar de maneira a compartilhar experiências e anseios.

Sobre essa questão, destacamos a perspectiva de Manke (2013) ao afirmar que

A dinâmica social contemporânea intensificou e ampliou a circulação da cultura escrita no meio urbano, local onde a relação com a escrita ocorre em diversos níveis e a leitura passa por múltiplas formas [...] Diante desta relação consagrada entre a cultura escrita e o urbano, o rural, por sua vez, carrega a representação da *inexistência* (grifo da autora) ou da rarefação do escrito (MANKE, 2013, p. 1).

Quanto a leitura e a escrita como práticas sociais, é possível afirmar que essa representação não necessariamente reflete a realidade das comunidades rurais. Por outro lado, o excerto anterior suscita a seguinte questão: *Quais práticas de leitura e escrita crianças que vivem no campo vivenciam no contexto familiar e escolar?*

Nesta escrita, focaremos nas práticas sociais em que escola e família participam conjuntamente na comunidade, uma vez que entendemos que essa relação é necessária à discussão do letramento na perspectiva social.

Leitura e escrita no contexto do letramento

Nos últimos trinta anos, com o advento do construtivismo no Brasil, temos presenciado progressiva transformação no âmbito da educação no sentido de superar uma visão tecnicista e mecânica das práticas de leitura e escrita. Contrariando essa perspectiva, as mudanças ocorridas a partir dos anos 80 possibilitaram a compreensão de que as práticas de leitura e de escrita são de domínio social e que, portanto, não são processos exclusivos do ambiente escolar.

Nesse contexto de transformação das concepções de leitura e escrita no Brasil, surge um novo termo, o letramento, que visa nomear aspectos distintos daqueles denominados como alfabetização. Por ser um termo relativamente novo, o letramento emerge causando muitas dúvidas e equívocos e nos instiga a questionar se existe apenas um tipo de letramento.

Street (2010) defende a ideia de que letramento varia, explicando que as pessoas podem envolver-se em práticas diferentes de letramento, possuindo identidades, habilidades e envolvimento sociais distintos. Dessa forma, seria mais coerente que nos referíssemos a letramentos, no plural, e não letramento, no singular.

Segundo Kleiman (2008), o letramento é um fenômeno amplo que ultrapassa os domínios da escola, podendo ser definido "[...] como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos" (p. 18 e 19).

Nessa perspectiva, investigar como ocorrem as práticas de leitura e escrita no contexto familiar e escolar possibilita ao investigador perceber as particularidades das diferentes instâncias sociais, ao mesmo tempo que possibilita perceber em que medida essas práticas aproximam-se e distanciam-se. Como afirma Kleiman, as orientações de

letramento que ocorrem em "agências de letramento" como a família e a escola diferenciam-se por terem objetivos específicos.

Nesse sentido, tão importante quanto a aprendizagem e o uso da leitura e da escrita no ambiente escolar é o papel social que esses processos possuem na vida dos sujeitos. Afirmar isso significa compreender que, muito antes de se inserir no ambiente escolar, a criança já tem contato com a leitura e a escrita que são provenientes de sua relação com livros, cartazes, embalagens, contação de história, conta de água, luz, anotações realizadas por adultos, etc. O ambiente familiar, nessa perspectiva, torna-se o primeiro espaço de contato da criança com o mundo letrado.

Ao encontro dessa concepção, Soares (2012) define letramento como:

(...) um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita (grifos da autora) (SOARES, 2012, p. 44).

Portanto, podemos afirmar que as práticas de letramento estão presentes nos diferentes ambientes, inclusive no campo e que elas estão sempre relacionadas à funções sociais.

Metodologia: abordagem qualitativa de cunho etnográfico

Como salientamos anteriormente, o intuito desta pesquisa é compreender como se dão as práticas de leitura e escrita no contexto familiar e escolar de crianças que residem no campo. A comunidade onde a pesquisa está sendo realizada reside na Ilha dos Marinheiros, no interior do município de Rio Grande (RS), sendo que parte da pesquisa ocorre na Escola Municipal Apolinário Porto Alegre, em uma turma de 1º ano, com crianças entre 6 e 7 anos. O contato com as famílias está sendo efetivado a partir da interação com as crianças na escola.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico que tem por intuito “[...] compreender los fenómenos sociales desde la perspectiva de sus miembros (GUBER, 2014, p. 16)”, o que exige do investigador um período prolongado em campo.

Por ser uma pesquisa interacional, esse tipo de investigação demanda uma “aprendizagem do diálogo”. Assim, utilizamos como principal ferramenta de obtenção e produção de dados a observação participante através de entrevistas com as crianças e suas famílias, bem como os profissionais que atuam na escola. Segundo Almeigeiras (2007), o tipo de entrevista realizada na observação participante é denominada como não-diretiva, a qual ocorre mais como um diálogo do que um questionário de perguntas-respostas.

Além disso, o registro, através de fotografias, vídeos, caderno de anotações e diário de campo são importantes ferramentas para a obtenção de dados e compreensão das práticas de leitura e escrita que as crianças vivenciam no contexto do campo.

O contexto da pesquisa: primeiras impressões

No segundo semestre de 2013, obtivemos informações sobre as escolas localizadas na Ilha dos Marinheiros através da Coordenação Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação do Rio Grande e também dos sites das escolas. A opção por realizar a pesquisa na escola Apolinário Porto Alegre atende a dois critérios: i) por ser a escola que tem maior número de alunos matriculados na ilha e, ii) por apresentar uma proposta pedagógica de interação com as famílias. Cabe ressaltar, que no final do ano de 2013 entramos em contato com a diretora da escola e assistimos a uma apresentação teatral para toda a comunidade. A temática da peça de teatro, apresentada pelos alunos da escola, era sobre a história da fundação da Ilha dos Marinheiros. Foi possível perceber que todas as turmas estavam envolvidas, e havia também uma banda da comunidade que animava a festa, na qual os familiares das crianças também participavam. Outro evento que observamos a presença da família na instituição foi uma ação de revitalização da escola, onde coletivamente, a estrutura física da escola foi reformada.

Um fato a destacar é que a maioria das crianças vai para escola através de transporte público disponibilizado pela prefeitura, sem a companhia dos familiares. Contudo, foi possível perceber em dois eventos observados a participação das famílias em ações pontuais promovidas pela escola. Identificamos também na “1ª Mostra Artístico Cultural” e no projeto “Valorizando nossas raízes”, que a família e a escola dialogam e compartilham experiências e anseios, articulando em muitos casos os saberes escolares e os saberes da comunidade, fortalecendo, dessa forma, as identidades das culturas populares rurais.

Outro dado que podemos destacar é quanto ao espaço físico, pois diferente do que presenciamos nas escolas urbanas, essa instituição não possui cercas, muros ou alguma outra delimitação do espaço escolar. Ou seja, as crianças têm a liberdade para explorar os espaços no entorno da escola, sem deparar-se com limites físicos entre a instituição e a comunidade.

Em suma, os aspectos que identificamos na pesquisa até o momento revelam algumas particularidades dessa instituição relacionadas ao contexto da comunidade da Ilha dos Marinheiros, tais como a não delimitação do espaço físico, a forma de acesso à instituição pelas crianças através do transporte escolar (o que exige o desenvolvimento de estratégias diferenciadas de comunicação), as festividades, projetos e eventos que ocorrem em cooperação entre escola e família. Entendemos, nesse sentido, que as práticas de leitura e escrita vivenciadas pelas crianças tanto na escola, como em suas famílias estão relacionadas a esse contexto. Nossa intenção no seguimento da pesquisa é aprofundar a inserção na comunidade e desvelar o modo como as crianças vivenciam essas práticas.

¹ Seu intuito foi construir a história da Ilha dos Marinheiros através das memórias de sua população, utilizando-se de relatos dos pais e fotografias antigas.

Referências bibliográficas

- ALMEIGEIRAS, Aldo Rubén. El abordaje etnográfico en la investigación social. In: GIALDINO, Irene Vasilachis (Org.). Estratégias de investigação qualitativa. Buenos Aires: Gedisa, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo/ Parecer 36/2001. – Brasília : MEC, SEB, 2001.
- GUBER, Rosana. La etnografia: Método, campo e reflexidad. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.
- KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas : Mercado de Letras, 1995. 10ª reimpressão, 2008.
- MANKE, Lisiane Sias LEITORES RURAIS: APROPRIAÇÃO ÉTICO-PRÁTICA NOS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À LEITURA. ICH/UFPel - 36ª Reunião Anual da Anped, GT 10, 2013.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3ª ed. Belo Horizonte : Editora Autêntica, 2012.
- STREET, Brian. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M e CARVALHO, GT. (Orgs.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010. P. 33 – 53.